

Apresentação

É com muita satisfação que apresentamos a segunda edição da Revista Serviço Social em Debate, organizada com muito apreço pelo curso de Serviço Social da Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade de Carangola.

Nesta edição foi proposta a temática: "As Políticas Sociais e os Desafios do Capitalismo Contemporâneo", o que possibilitou uma gama de artigos teoricamente consistentes, mas muito diferentes entre si.

O atual contexto de crise do capital nos desafia a retomar as reflexões acerca de alguns temas que há muito tempo são objeto de discussão e debate no âmbito das ciências sociais e humanas. As políticas sociais, o Estado, as desigualdades e opressões são preocupações teóricas que não abandonam o debate no Serviço Social. Contudo, novas determinações secundarizadas por muito tempo passam a ser identificadas como centrais para poder desvendar o movimento do capital na contemporaneidade e as particularidades do capitalismo nas regiões denominadas como “periféricas” ou “terceiro mundo”.

No contexto brasileiro, as eleições de 2018 consagraram ainda uma guinada conservadora da política brasileira, com a assunção de Bolsonaro à presidência da República, como indica Mascaro (2018), a crise política que depõe Dilma Rousseff, exacerba contradições já presentes no processo político brasileiro e na sociedade, trazendo à tona “um governo de homens brancos ricos, conservadores e poderosos, sem representação das demandas, reivindicações e lutas das mulheres, negros e demais grupos historicamente excluídos do poder e do controle”.

Nessa direção, os artigos presentes nesse volume da Revista Serviço Social em Debate partem da discussão das políticas sociais na atual conjuntura para depois seguirem por diferentes recortes temáticos. A Revista consegue, com êxito, juntar artigos que se propõem a um debate teórico do papel das políticas sociais na ordem capitalista e as suas configurações peculiares na sociedade brasileira hoje, com artigos que se propõem a um debate das políticas sociais que visa diferentes demandas das classes populares, presente em alguns dos segmentos mais afetados pelo recrudescimento do Estado brasileiro.

Na primeira seção, dedicada aos artigos que contemplaram a temática proposta que tratam da crise do capitalismo contemporâneo e seu reflexo na proteção social, na política social, na chamada “Cidadania Burguesa”, as implicações no exercício profissional do assistente social e conseqüentemente o desafio de materializar o projeto ético-político do serviço social e a incidência dessa crise na vida das mulheres, especialmente da mulher negra. Na segunda seção, dedicada a artigos com temática livre,

constam artigos que tratam do próprio serviço social, da adoção, da população de rua, questão urbana e dos movimentos sociais.

São reflexões que contribuem para avaliar e repensar o momento presente que a sociedade brasileira vem enfrentando, com tensões e disputas entre o projeto democrático e o neofascista, que coloca em risco o sistema democrático do país. Um sistema que foi resultado da aliança entre a sociedade civil e política, dos movimentos de base e populares que lutaram para construir a partir da coesão de forças e discussões coletivas, a Constituição Federal de 1988. Que mesmo frágil em muitos aspectos significou um avanço democrático sem precedentes para a história nacional e agora está sendo destruída para beneficiar o capital financeiro e com isto estão promovendo a acumulação por espoliação.

Desejamos ao leitor que as contribuições apresentadas pelos autores estimulem a novas produções e reflexões sobre a política social e os seus rebatimentos no serviço social, bem como a promoção de espaços para discutir estratégias de enfrentamento da crise de acumulação do capital, que afeta em cheio o público atendido pela política de assistência social, que se multiplica diariamente.

Resistir é preciso e lutar é necessário. Devemos lutar contra a desesperança que nos acerta quando assistimos a agonia desenfreada dos filhos da violência, da fome, da insanidade mental, dos jovens negros e favelados exterminados pelo Estado, ou seja, toda a barbaridade civilizatória que não começou na década passada, mas é imanente a lógica do capital e se perpetuará enquanto este permanecer como modo de produção vigente neste mundo. O que se atualiza em cada estágio do capital são as modalidades de violação humana.

O capitalismo é o juiz dessa história que, a partir do jogo da acumulação, do poder, do domínio e do lucro, lançou a regra: desumanização, exploração e violência para a conquista do mundo, afinal a sua história foi escrita “em letras de sangue e de fogo”. (MARX, apud HARVEY, 2005, p. 133)¹.

**Ana Cláudia de Jesus Barreto e
Victor Martins Lopes de Araujo**

¹ HARVEY, David. **O novo imperialismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.